



Redacção e Composição:
Rua Barjona de Freitas, 26-28
BARCELOS

Fundador: Rogério Calás de Carvalho
Proprietários: José Lucindo Cardoso de Carvalho (Calás) e irmãos

SEMANÁRIO REGIONALISTA
POR PORTUGAL—POR BARCELOS

ASSINATURAS:
Ano, 40\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole
Ano, 80\$00 e 180\$00 por avião—Estrangeiro excepto Brasil
Ano, 80\$00 e 115\$00 : : Ultramar e Ilhas
Ano, 55\$00 e 160\$00 : : Brasil
Fidelidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%

Director, Editor e Administrador:
MÁRIO AUGUSTO VIANA DE QUEIROZ (DR.)

Administração: Telefone — 82388—BARCELOS
Impressão: Companhia Editora do Minho
VISADO PELA CENSURA

SÁBADO, 24 DE AGOSTO DE 1968

Barcelos — Cidade Termal

Pelo Dr. Mário Augusto Viana de Queiroz

XVI

- 7) — *Reumatismos de qualquer origem, incluindo os agudos e febris*; — pela acção sobre o metabolismo dos nitrogenados; pelo aumento do catbolismo e da eliminação (Gudzent, Kirogui, San Román).
- 8) — *Carência Mineral. Transmineralização (Spiro). Obesidade. Diabetes. Uremia por sobrecarga. Plétora*;... pelas acções atrás apontadas; pela regularização do metabolismo mineral, etc.. Em síntese, o metabolismo aumenta de 10 a 20%.
- 9) — *Avitaminoses. Raquitismo*;... pela vitaminogénese. Provável formação de vitaminas a expensas das pro-vitaminas (Collazo, San Román).
- 10) — *Linfatismo. Escrófulas. Processos tuberculosos de evolução tórpida*;... pela acção sobre o sangue, bem estudada por Bouchard, Curie, Balthazar, Heineke, etc. Regularizam a Fórmula leucocitária (Inouye); desvio de Arneht para a direita (Rebattu, San Román); polinucleose com linfo e monopenia (Cluzet. Chevalier). Diminuição dos eosinófilos.
- 11) — *Anemias*;... pela acção sobre os glóbulos rubros: aumento e maior oxidação da hemoglobina (Brill, Zehner, San Román).
- 12) — *Hemofíllas*... pelo aumento da coagulação do sangue, quando são utilizadas as pequenas doses.
- 13) — *Processos anafiláticos. Manifestações alérgicas*... evitam o choque anafilático. Forte poder desensibilizante nas doenças alérgicas (Borner, Sangiorgio). Provocam eosinopenia (Wichman).
- 14) — *Doença de Basedow, Distrofidismos. Excitabilidade simpática. Hipoadrenalinemia. Infantilismo. Insuficiências ováricas e testiculares. Esterilidade. Menopausa*... pela sua acção sobre as glândulas de secreção interna: — repreamento da tiroide (Durain, Fons); pela regularização da oxí-redução, alterada no Basedow (Witkowskaya), pela menor proporção da adrenalina (Sallé, Domarus)... pelo estímulo das funções genitais (Phghini, Schneyers).
- 15) — *Insuficiências funcionais do aparelho circulatório. Hiposistolia (sob vigilância). Endocardite (Heitz). Pericardites iniciais sem processo infeccioso agudo concomitante. Hipertensão arterial. Angina de peito. Arterites—Doença de Raynaud—Flebites. Varises*... pela acção sobre o próprio coração: — aumento do tónus; atraso da diástole; maior amplitude do pulso (Maas, Kemen, San Román); melhor nutrição do miocárdio... pela acção sobre os vasos; — acção antiespasmódica (San Román) e vasodilatadora (Mendel, Bichowshaya); descida da tensão, salvo nos casos de hipotensão (Loewy, Plesh, Falta, San Román). São normotensoras, é nossa opinião, de há muito formada no já longo contacto com doentes do aparelho circulatório, aqui no Birogo. Só a extraordinária acção das nossas Águas, sobre o aparelho circulatório, justificaria amplamente a sua exploração e utilização. Pena é, e profundamente se lamenta, que ainda haja quem, neste já declinar do século vinte, desconheça os crimes que comete (é porque há muita incapacidade e muitas mortes, permatura que poderiam evitar-se, mente) por não saber das possibilidades terapêuticas e recuperadoras das águas deste tipo.
- 16) — *Nevrites. Neuralgias. Algias em geral. Psicoses. Neuroses. Síndromos post-encefálicas. Ataxia. Estados anfostésicos do sistema nervoso vegetativo. Amiotrofias*... pela sua acção sobre o sistema nervoso: — sedante, hipnótica, analgésica, antiespasmódica. Reforçadora da cerebração superior; reguladora do sistema nervoso vegetativo (Gudzente, Piery Milhaud, Cremier, Papis, S. Román)... e pela acção trófica sobre o tecido neuromuscular (Bertoloti, San Román).
- 17) — *Rinofaringites. Espasmos, Asma. Bronquite espasmódica. Bronquite crónica. Propensão a catarros. Aderências pleurais*... pela acção electiva sobre o aparelho respiratório, fluidificando as secreções brônquicas com posterior diminuição das mesmas. Sedativas da tosse e supressoras dos espasmos brônquicos.
- 18) — *Gastralgias. Gastrites dolorosas. Hipotonias. Hipopepsias Colites. Enterocolite mucosa, mucomembranosa, dolorosa, espasmódica (com diarreia ou com prisão de ventre. Colite fermentativa (Ayuso)*;... pela acção sobre o aparelho digestivo.—sedante sobre a mucosa e os estados de hipertonia. Supressão dos espasmos.

A «Acção Católica» e o Espírito Santo

Pelo PADRE ALBERTO AZEVEDO

II

Pois bem: o programa que tem em mente, e relativo à Campanha de Pentecostes não é senão um dos aspectos da sua gigantesca labortiosidade!

E quais os seus Objectivos?

- 1) doutrinação sobre o Apostolado dos Leigos e sobre a Mensagem de Fátima
 - 2) Revitalização dos Cruzados de Fátima
 - 3) Intensificação da devoção ao Divino Espírito Santo
 - 4) Cruzada de Orações pela realização das Conclusões do Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos
 - 5) Angariação de fundos para as actividades da Acção Católica
- Evidente que não irei abordar, aqui e neste momento, cada um dos objectivos mencionados.

Não o permite o espaço e, além disso, alguns deles focá-los-ei em cinco artigos, inseridos no «Correio do Minho», conforme me foi pedido.

A «Acção Católica» é essencialmente um espírito inspirado e vivificado pelo Espírito de Deus e, é igualmente uma Ciência. Como tal implica uma técnica, nada fácil (e por isso tantos se amedrontam e opõem reticências), mas a mais eficiente e de acordo ainda com as realidades sociológicas e os «sinais dos tempos».

Relativamente aos 2.º/3.º objectivos direi apenas isto: quem está disposto a escutar a voz do Espírito e a servi-Lo nas Obras por Ele criadas e renovadas, implícita ou explicitamente não poderá alhear-se dos recursos hu-

manos, económicos e financeiros que as suas Obras exigem. Bu ia quase a dizer que, entre os católicos, parece necessário, por vezes, super valorizar o valor monetário, para ver se, ao menos, ficam na valorização, necessidade e obrigação das suas dávidas. Mas nisto, como em tudo, só dá quem primeiro se deu. A carteira anda muito próximo do coração. O facto não dirá coisa a alguma? Haverá alguma desonra em pedir para a servir?

De facto, num mundo de estruturas capitalistas, ao contrário da súplica, dever-se-ia, sim, exigir. E isto, ainda, por um dever de Caridade.

Parece ser a única maneira de esconjurar o espírito capitalista de tantos cristãos,

Postais de Salamanca

I

Cá estamos outra vez na Universidade Pontifícia de Salamanca—Instituto P. San Pio x—a frequentar o Curso de Verão de Catequética. Nesta 1.ª semana, entramos em contacto com os Professores Ramon René Bach—Legislação e organização escolar em função da formação religiosa, J. R. Medina—Evolução e situação actual da catequese, e J. A. Bernad—A Igreja e a vida social.

Hoje, festa da Assunção da Nossa Senhora, celebrámos, em castelhano, na Missa cantada do Curso, e deixámos boa impressão. De resto, devemos ser dos mais políglotas de quantos se acham aqui...

O almoço também foi de festa: prato de fritos, bastante variado; pescada frita, saborosa, com limão; frango assado, muito tenrinho, com molho salgado; além do vinho ordinário, cidra «achampanhada»; pêssegos e café (pelas chávenas e cor aproximada).

Por agora, muito saudar.

P. L.

O MINHO VISTO DO ESTRANGEIRO

1—Porquê tanta gente de luto?

Pelo DR. ALCINDO COSTA

Eram passados já dois anos. Entretanto, os meus olhos tinham-se espraído pelas mais belas nações da Europa. Tinha visto outras terras, outras gentes, outros costumes. Regresso, de novo, ao Minho, espicaçado pela curiosidade de saber que impressão me causaria agora. Achá-lo-ei ainda bonito, depois de ter visto a maravilhosa Suíça, a enfeitada Itália e a aristocrática Inglaterra?

Em Irun, (fronteira França—Espanha), apenas me indicam um único itinerário para entrar em Portugal, por Vilar Formoso, na Beira-Alta. Mas eu insisto em querer entrar pelo Minho. Então, com surpresa para mim, indicam-me que há um comboio mais rápido para a Galiza e que eu posso entrar na minha Pátria pela Fronteira de Valença.

O comboio começa a rolar, por entre as verdejantes paisagens do norte de Espanha, e eu vou perguntando aos meus botões porque é que, havendo um comboio mais rápido e mais cómodo entre Irun e Valença, teimam em mandar os passageiros — mesmo os que se destinam ao norte do País — por Vilar Formoso. Será

para os brindar com a paisagem da meseta castelhana, árida e desolada nos meses de verão? Estará, já desde além fronteira, o turismo encaminhado para o centro e o sul da Nação?

Atravesso, pois, a fronteira, recioso. Será que vou encontrar o Minho ainda bonito e enfeitado, como me acostumara a vê-lo de criança? Ele não mudou, certamente, pensava, mas mudei eu, mudaram os meus gostos, os meus modos de ver. Porém, à medida que o comboio avança por terras minhotas, atordoado com tanta beleza, sinto vontade de gritar: Há outros tipos de beleza, como a da Suíça com os seus lagos e montanhas ou a Inglaterra com os seus jardins de frescura, mas não há beleza superior à deste Minho. Há paisagens diferentes, mas nenhuma tão terna, tão doce, tão meiga... E admiro as casinhas, brancas como pombois, a resplandecer no meio do verde-escuro dos milheirais e vinhedos; as igrejas lavadinhas de cal, a corar ao sol; as casas solarengas coroadas de ameias, com janelas e portas debruadas a granito escuro e austero.

(Continua na pág. 2)

Artur Saldanha de Oliveira



Hoje, dia 24, faz anos, este nosso querido e muito ilustre Redactor, motivo porque os que trabalham em «O BARCELENSE», o felicitam, muito sinceramente.

VIDA RELIGIOSA

Décimo Segundo Domingo Depois de Pentecostes

EVANGELHO (S. Lucas, 10, 23—37)—Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: Felizes dos olhos que veem o que vós vedes; pois eu vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vós vedes e não viram, ouvir o que vós ouvís e não ouviram! E eis que um certo doutor da lei se levantou, para o tentar, servindo-se desta pergunta: Mestre, que devo eu fazer para alcançar a vida eterna? Porém, Jesus perguntou-lhe: Que está escrito na lei? Como a entendes tu? Ele respondeu: Amarás ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua inteligência; e ao teu próximo, como a ti mesmo. E disse-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso, e terás a vida eterna. Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou ainda a Jesus: E quem é o meu próximo? Jesus, tomando a palavra, disse: Um certo homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões, que tudo lhe roubaram; e, depois de o ferirem, retiraram-se, deixando-o meio morto. Ora, aconteceu passar pelo caminho um sacerdote que, ao vê-lo, se retirou; em seguida passou pelo mesmo lugar um levita, e dando com os olhos nele, também ele andou à frente; por sua vez um certo Samaritano, que ia de viagem, chegou perto e, aproxima-

mando-se, ligou-lhe as feridas e deitou-lhes azeite e vinho; depois, montando-o sobre o seu jumento, conduziu-o a uma estalagem e tomou cuidado dele. No outro dia, pegou em dois dinheiros, deu-os ao estalajadeiro, e disse: trata deste homem; e, tudo o mais que gastares, dar-to-ei quando voltar. Qual destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? E ele lhe disse: o que usou de misericórdia com ele. Disse-lhe, então, Jesus: Vai e faz o mesmo.

Comentário e Aplicações

Após a leitura desta enternecedora página do Evangelho, duas ideais nos afloram ao pensamento: 1.ª—A Humanidade, ferida de morte, pelo pecado original, fazia, prostrada, desde há milhares de anos, sem ter quem lhe valesse. O Verso Eterno, condoído por tal estado de coisa, assume a natureza humana, debruça-se sobre a infeliz doente e, depois de lhe proporcionar os meios de salvação, entrega-a aos cuidados de sua Igreja, prometendo voltar, no fim dos séculos, para satisfazer os encargos provenientes na responsabilidade assumida perante Deus. Assim, dará prémios pelo bem praticado e aplicará sanções pelo mal cometido.

2.ª—Seguindo o exemplo do Divino Mestre, os homens de boa

vontade exercem a caridade para com o seu próximo.

E há tantas lágrimas a enxugar, tantas feridas necessitadas de remédio, tantos sofrimentos carecidos de conforto!

No entanto (e, aqui, façamos atenta aplicação...), há tão poucos samaritanos, por esse mundo além! Do dicionário da maior parte dos homens está quase varrida a palavra «caridade». Gastam-se rios de dinheiro em luxos, em passeios, em jogos, em prazeres da pior espécie... desbaratam-se fortunas em questões judiciais, cometendo tremendas injustiças, enxovalhando e amesquinhando... e não há, na algebeira de tantos, uma moeda para dar a um pobre envergonhado, um auxílio para uma obra de beneficência, um pequeno óbulo para a bandeja que passa na sua frente!

Faz pensar que acabou a caridade!...

Amigo leitor! cogita um pouquinho no que aí fica...

P.º F. Brito

Luiz Pedras

Já se encontra, felizmente, restabelecido dum achaque que o acometeu, este nosso ilustre e querido amigo, Ex-Vereador Municipal e muito digno Administrador do nosso Confrade JORNAL DE BARCELOS

Restaurante Pérola da Avenida

AVISO

Por motivo, de vários serviços encerra no próximo domingo o RESTAURANTE PÉROLA DA AVENIDA desta cidade, do que pede a boa compreensão dos seus estimados clientes.

Padre José Maria Furtado Rodrigues

Conforme notificamos no último número, é amanhã, pelas 11,30 horas, que na Igreja de Negreiros se celebra a Santa Missa, em Acção de Graças pelas Bodas de Prata Sacerdotais do Virtuoso Pároco daquela importante freguesia Senhor Padre José Maria Furtado Rodrigues.

As pessoas que se queiram inscrever para o Banquete, podem ainda o fazer, dirigindo-se aos Ex.ºs Srs. Dr. Armando da Silva Barbosa, inteligente Presidente da Junta da Freguesia e João Joaquim da Silva Campos, digno e activo Regedor.

Garagem de Bicicletas

Em Vila Seca, passa-se a Garagem de S. Tiago, com todas as ferramentas.

Informações na mesma pelo Telf. 85145.

EXCURSÃO

Volta a Portugal nos dias 16 a 23 de Agosto de 1969.

Organização da Agência de Viagens AVIBAR.

= BARCELOS =

Informa: TININHO.

CONSERVAS

Sardinhas em azeite, tomate com pikles, com limão sem pele e espinha de caldeirada e picantes. ATUM, em azeite, tomate, com piri-piri fumado e Atum com Caril, Cavalas—Tíutias—Bnguias—Ovas—Anchovas—Lampreia—Mexilhão e Berbigão ao natural e picante Lulas ou caldeirada e recheadas.

Pescada—Sável—Polvo—Coelho—Lebre—Perdiz—Pato Bravo—Pombo bravo—Perú—Borracho, Frango estufado e com ervilhas—Carneiro assado. Língua de Carneiro—Costeletas de Carneiro—Língua estufada—Vitela assada—Paio com ervilhas—Chispe de porco com feijão branco. Dobrada à portuguesa. Almondégas—Carne estufada. Bifes de Hamburgo. Guisado à Saloio—Santo.a—Camarão—Salmão—Cavias etc, etc.

PREÇOS PARA QUANTIDADE

A CAFÈZEIRA DE BARCELOS

A casa que dispõe do maior e mais completo sortido em artigos de

MERCEARIA FINA

TELEFONE 82410

VILA SECA

Recebeu Fidalgamente no passado Sábado, dia 17, o Ex.º Sr. Dr. António Vasco Machado Maciel Barreto Alves de Faria, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Barcelos e seus Vereadores.

Eram 17 horas quando chegou ao largo junto das magníficas Escolas Primárias, mandadas construir pelo Grande Benemérito, Sr. João Gomes Lobarinhas a ilustre Caravana, composta pelos Srs. Dr. António Vasco Barreto de Faria, Dr. Vítor António Marques Júnior, Dr. José António Maciel Beleza Ferraz, Engenheiro Mário Pinho de Azevedo, Professor Soares, Fernando da Costa Fernandes, José Lino Martins dos Santos, Jaime Mascarenhas Sineiro, José Ribeiro de Campos e José Lucindo Cardoso de Carvalho (Calás).

A digna Caravana era aguardada pelos Srs. José Faria Ribeiro, activo Presidente da Junta de Freguesia, Manuel de Oliveira Leitão, Secretário, António Pereira das Eiras, Tesoureiro da Junta, Padre António Joaquim Areias da

Costa, Pároco de Vila Seca, Coronel Lauro Barros Lima, Germano de Sá, Rodrigo Pereira Pimenta de Castro, Fernando de Sá, Professor Ribeiro Machado, António Faria da Fonte, Hermínio Gomes da Silva, António Baptista da Costa Faria, Joaquim da Silva Gomes Casanova, etc., etc.

Depois dos cumprimentos, foram visitados vários caminhos para alargamento e outros locais, que o Sr. Dr. António Vasco de Faria mandou registar na Agenda e prometeu auxiliar a incansável Junta de Freguesia, na medida do possível.

No modelar Salão Paroquial foi depois oferecido um succulento jantar aos ilustres convidados, o qual deu motivo a vários discursos.

Devido à falta de espaço, temos de ficar por aqui. Que nos desculpem.

CATÓLICOS!

Todos, amanhã, a CHORENTE ao

Grande Sorteio de Beneficência para a Nova Igreja e Obras Sociais de Choren-te

É amanhã que vai realizar-se este importante Sorteio, junto do belo edifício da Nova Igreja de Choren-te.

Muitos e valiosos prémios serão atribuídos. São dezenas de milhares de escudos!

O programa da «tarde do Sorteio» é o seguinte: Às 15 horas, solenidades religiosas pelas intenções de todos os benfeitores e colaboradores do Sorteio.

Às 15,30, apresentação dos conjuntos «Cinco Dias e Poucas Horas» e «Os Pinguins» que durante a tarde executarão os melhores números do seu repertório.

Nos intervalos, leilão de segredos e valiosas ofertas para a Igreja.

Cerca das 18 horas, extração dos prémios, na presença das digníssimas Autoridades.

Os organizadores deste Sorteio pedem, por nosso intermédio, a quantos tiverem bilhetes para comparecerem no local e, aos que os não tiverem pago, que não se esqueçam de os pagar ou, pelo menos, devolver.

MANUEL GOMES

EM FRAGOSO

Vindo de França, como de costume, todos os anos, vem visitar os seus numerosos amigos e familiares, este nosso prezado assinante, que há 50 anos, trabalha em terras de França.

Ao bom e querido amigo, desejamos-lhe boas férias e muita saúde.

VENDEM-SE

Propriedades em S. Veríssimo (Lugar de Fraião) e em Galegos S.ª Maria (Lugar de Casal do Monte).

Tratar com António Roriz, em S. Veríssimo, ou Maciel (Casal Coelho Gonçalves) em Barcelos.

TERMAS DO EIROGO

Estão nas Termas do Eirogo, vindos de:

RIO DE JANEIRO

D. Ilda Fernandes Rei.

LISBOA

Maria Piedade Gonçalves e Dr. Manuel Romão Boavida.

PORTO

Camillo Araújo Soares, Alice Eiras, Isidoro da Silva e Cândido Rocha.

VILA NOVA DE GAIA

Carlos Fonte Fernandes Rei.

BRAGA

Maria Rosa Ramos.

S. TIRSO

Maria Glória Carvalho, P.º Miguel Ribeiro.

VIANA DO CASTELO

Felicidade Parente Ferreira, Conceição Parente Ferreira e Manuel Romão Boavida.

PÓVOA DE VARZIM

Isaura Rosa Faria, Ambuzina Batista de Oliveira, Joaquim Alves dos Santos, Joaquim Alves dos Santos, Margarida Faria Campinho e Maria de Oliveira e Silva.

VILA NOVA DE FAMALICÃO

Margarida da Costa Pinto e Lino Pinheiro da Silva.

ESPOZENDE

Laurinda Rosa Faria, Ida Augusto Gonçalves e José Azevedo Santos Portela.

VILA VERDE

José Moreira.

BARCELOS

Maria Fátima Alves Vilas Boas, Aurora Barbosa Pereira, Deolinda Barros de Oliveira, Ana da Silva Costa, Teresa Gomes Barbosa, Maria dos Prazeres Fontes Alves, P.º João Armando, Alberto Martins Fernandes, António Costa Pato, Álvaro Lopes Figueiras, Agostinho Azevedo Simões, Manuel Longueiro José Domingos Coelho, José Barbosa Fernandes, Manuel Arantes Torres Adelino da Silva, Amadeu Alves Boas, João Joaquim Salgueiro, Manuel Novais Ferreira, Maria Adelaide Barbosa dos Santos, Maria Gomes Ferreira Manuel Carvalho, Maria Isolate Figueiras Rodrigues, Anibal Gomes Magalhães, P.º Manuel de Sá Oliveira, P.º Manuel Martins Marques e Maria de Jesus Marques.

Maria Alves Barros, Joaquim Lima Novais, Maria Gonçalves Araújo, Dr. Joaquim Reis, Artur Saldanha de Oliveira, Manuel Lopes Fernandes, Edgar Forte Fernandes

DETERGENTE INGLÊS
STERILEX
LAVA-DESENGOROURA-DESCORA
A venda nos estabelecimentos

Casamento Elegante

No último domingo, 18 de Agosto, pelas 12 horas, realizou-se na Igreja Paroquial de Curvos no concelho de Espozen-de, o enlace matrimonial do Sr. José Silveira Baptista de Carvalho, comerciante de Relojoaria e Ourivesaria em Barcelos, filho do Sr. Sebastião Alves Pereira de Carvalho, e da Sr.ª D. Teresa Baptista de Carvalho, com a gentil Sr.ª D. Fernanda Marques Filipe, professora oficial, filha do Sr. António Peres Filipe e da Sr.ª D. Carolina Gonçalves Marques abastados proprietários daquela freguesia.

Ao acto presidiu o Rev.º Padre Avelino Marques Filipe irmão da noiva, que no momento próprio da Santa Missa proferiu uma homilia pedindo bênçãos e graças de Deus para os nubentes.

Foram padrinhos, pelo noivo, seu irmão, o Sr. Dr. Vasco Valentim Baptista de Carvalho e sua esposa a Sr.ª Prof.ª D. Fernanda Teixeira de Carvalho, e pela noiva, sua irmã a Sr.ª Prof.ª D. Maria Alice Peres Filipe e seu tio materno o Sr. Augusto Marques, proprietário em Espozen-de.

No momento próprio do almoço servido na Casa da Noiva aos numerosos convidados, fizeram o elogio dos noivos desejando as maiores venturas, os Srs. Rev.ºs Reitor das Marinhas e o Coadju-tor Rev.º Padre Avelino Marques Filipe assim como o Dr. Vasco de Carvalho.

Ao novo casal que seguiu em viagem de núpcias pelo Norte do País, deseja o nosso Jornal as maiores venturas.

César Cardoso

ADVOGADO

Largo da Madalena, 1

Telefone 8 2 4 4 7

BARCELOS

“O BARCELENSE” DESPORTIVO

- Movimento no Campo Ribeiro Novo
- Aquisições e Dispensas no Gil Vicente

Sob a orientação do competente treinador Eduardo, o campo Ribeiro Novo começou a ter o movimento do futebol. Na passada terça-feira os jogadores gilistas iniciaram a sua preparação com vistas à difícil prova a que este ano vai participar o Clube da nossa terra.

A direcção do Gil Vicente, tem procurado dentro do possível colher algumas aquisições com o intuito de melhorar o seu plantel. A preocupação dos dirigentes tem sido a procura de elementos jovens e especialmente de atletas que fiquem a ser pertença «fixa» dos quadros gilistas.

Assim conseguiram para já, o concurso de Fialho que pertencia ao Clube D. de Prado, um elemento já bem conhecido dos adeptos

barcelenses e o de Russo que achou no Desportivo de Fão. Espera a direcção Gilista o apoio de todos os barcelenses pois bem necessita dela nesta hora em que vai fazer reaparecer uma equipa com elementos novos.

Entendeu a direcção do Gil Vicente dispensar o seu atleta João Vieira, que agora enveredou pela carreira de treinador—jogador. O assunto foi tratado em comum acôrdo e auguramos para o dedicado Vieira uma carreira brilhante.

O Gil Vicente, amanhã, desloca-se a Fão, onde serão apresentados os novos elementos que tomarão parte no Campeonato da III Divisão Nacional.

Acê

Bar da Gruta

De novo com a direcção da antiga proprietária
Cozinha Regional—Aperitivos—Bons Vinhos—Almoços—
Lanches—Jantares—Serviço de Casamentos—Festas—
Confraternizações

R. Filipe Borges—Telef. 82500—BARCELOS



EXTERNATO
ALCAIDES DE FARIA
SEXO FEMININO

ALVARÁ N.º 214

Av. Dr. Oliveira Salazar

BARCELOS — Tel. 82346

Curso Liceal

Ensino Preparatório

Matrículas: de 1 a 12

de Setembro

A. Eurico Soucasaux

Av. dos Combatentes da Grande Guerra

154 — B A R C E L O S — 156

Agente—Grundig • Artigos Fotográficos • Fotografia • Motores para rega • Rádios e Electricidade • Amplificações sonoras para arraiais e igrejas • Oficinas de T. S. F. • Máquinas de escrever e calcular

ÓPTICA

VENDE-SE

Terreno de lavradio com a área de cinco mil metros quadrados.

Ótima situação para construção, informa José António Pereira, na freguesia de Vila Boa S. João.

ATENÇÃO

Senhora que vive só, precisa para a sua companhia, ou como serviço, ou como dama de companhia, pessoa cot. 40 a 45 anos.

Garante bom futuro, Resposta à Redacção deste jornal ao número 13.

Oficina de Metalúrgica

Com o respectivo Alvará, passada em Barcelos, uma oficina bem montada. Informa esta Redacção.

ELECTRICISTA

Especializado em montagens Baixa e Alta Tensão.

Força motriz e Comunicações venda de todos os Electrô-domésticos em prestações suaves.

Benjamim F. O. Especial—Lugar da Calçada, 2.ª passagem de nível—Arcozelo—Barcelos.

Colar de Ouro

Perdeu-se um, em Barcelos, no passado dia 1.

Gratifica-se a pessoa que o entregar nesta Redacção.

CASEIRO

Precisa-se para Quinta, a dois quilómetros de Barcelos.

Por favor, falar com o Sr. António Alves Torres.

AQUI, JANELA DE FÃO

(Coordenação de Barra Reis)

AO ABRIR DA JANELA...

COMENTÁRIO SEMANAL

O bairrismo fangureiro, conhecido já em todas as latitudes, manifesta-se, a cada momento, quer nas mais pequenas coisas quer nos casos que possamos chamar transcendentais.

Temos encontrado diversas pessoas que, com grande admiração e não menos simpatia, se nos têm referido a este bairrismo fangureiro que com tanto amor e tão carinhosamente se tem transmitido de geração em geração e que, certamente, assim continuará a perpetuar-se.

De facto é preciso viver-se Fão, (*Fão, linda terra minha!*) ter-se tido a felicidade de se ter nascido nela, de se ter ouvido, no colo dos nossos antepassados, aos serões, tudo aquilo que se prende com Fão, desde essa adorada imagem do Bom Jesus, desde esse sempre querido SENHOR DE FÃO, até às pedras dos passeios que, quantas vezes, nos falam, nos falam quando, no silêncio da noite, mansamente as pisamos...

É nesses momentos, é ao ouvi-las, que sentimos no mais recôndito de nós a alma abrir-se e mostrar-nos gravadas essas três letras—FÃO.

Então sim, nesse momento, sentimos o perfume que nos inebria, esse perfume que dentro dum vidrinho avaramente guardamos para transmitirmos aos nossos e, de longe a longe, o darmos a cheirar àqueles que de boa fé entre nós se radicam e que, tal como nós, vão sentindo, digamos, a graça de ser fangureiro.

Desculpai-me, caros leitores, esse desvio, porém, sempre que nos pomos a pensar nesta terra de que temos a felicidade de ser filhos e que todos juntos «*não seríamos demais*» para elevar, perdemos-nos arrastados no turbilhão das nossas cogitações, sentimos nos envolvidos na teia do idealismo dessa imaginação creadora com que Deus se dignou, graças ao Espírito Paráclito, fadar-nos e, então, sonhamos... sonhamos... com as belezas deste torrão que nos seduz e nos prende.

Mas este comentário tem a sua origem, tem algo que nos arrebatou, que nos fez vaguear num mar de agradáveis recordações.

Foi no domingo, ali na praia, frente ao *nosso mar* que, uma vez mais encontramos o Joaquim Gonçalves de Carvalho, o *nosso Joaquim Água-doce* que, autêntico peregrino da terra onde nasceu, lá veio, outra vez, da França, da *doce França*, onde está radicado, acompanhado de sua esposa, uma francesa que também já sente Fão, o Fão do *seu* Joaquim, visitar a terrinha, a casinha onde nasceu e onde vivem dois irmãos que lhe são queridos.

Veio ver, diz ele, O Senhor Bom Jesus e visitar o cemitério que, no seu seio, guarda aquela que a vida lhe transmitiu.

Ele veio e satisfeitiíssimo o encontramos por, novamente, ver as areias da praia que, em menino e com a tia Teresa tantas vezes pisou e que, agora, beija com saudade.

Mas, a pesar de bem disposto, o Joaquim deixa transparecer uma certa melancolia, algo que lhe domina o âmago, o íntimo...

Quisemos saber o que havia, insistimos com ele e, Joaquim amigo, foi nos confidenciando... Porque seria que na fronteira, ao entrarmos na terra sagrada da Pátria, nos deram um mapa onde tem escrito Ofir e onde não vejo FÃO?...

Comprendemos, portanto, a sua máguia; sentimos o seu desgosto, e, procurámos reconfortá-lo, dizendo-lhe... vamos dar-te um mapa como desejas, pois, esse que te deram, é uma propaganda (péssima propaganda) às nossas praias.

Sabes, tal como nós, que muitas e belas são as praias do litoral português e que no norte, entre elas, figura, como estrela de primeira grandeza, a *nostra praia*, a praia de FÃO, essa praia que tem encastoadas, como fiadas de pérolas, os seus rebentos, isto é, a praia das Pedrinhas, a praia da Bonança, a praia de Ofir e a praia das Lanchas que, todas juntas, formam o conjunto a que, orgulhosamente, chamamos a *nostra praia*, a PRAIA DE FÃO, desse Fão imorredoiro que sentes latejar dentro de ti, que todos nós sentimos e que *chatinho* de amor e saudade havemos de saber transmitir aos nossos filhos.

Despedimo-nos com um... até logo... e, embrenhados já no *nosso* pinhal, no pinhal de Fão, sentimos a *nostra* alma abrir-se e dizer:

...São assim os fanguerios, são assim os que têm a *graça* de nascer em Fão; sim, porque nascer em Fão, já constitui uma *graça* do Céu...

Artur Adriano Aires

Faleceu, conforme noticiamos, Artur Aires, e com o seu falecimento desapareceu um amigo de Fão, um impulsionador do seu progresso, desse progresso pelo qual lutou valorosamente.

Artur Aires foi um enamorado de Fão; constatamos várias vezes, os seus actos e fomos testemunhas da sua luta contra determinadas prepotências que pretendiam levantar obstáculos ao seu sonho de grandeza e de progresso de Fão.

Lutava generosamente e se tudo não concretizou foi precisamente porque a sua saúde já se sentia abalada.

Alma aberta ao bem, deixa na nossa terra, erguida uma obra que perpetuará perante as gerações vindouras a sua ância de progresso e deixa, igualmente, rasgados anos e dilatados horizontes.

E já, agora, que surgem, nas esquinas, da noite para o dia, placas de heróis e de *homens bons* dos quais desconhecemos «*os feitos gloriosos*» ousamos lembrar, não uma placa dessas, mas a colocação dum busto de Artur Aires no jardim da praceta onde se ergueu a sua obra. Não constituirá um acto de justiça tal homenagem?

Promessa cumprida

Em virtude do reparo que publicamos e que, igualmente, foi confirmado, um grupo de amigos da «*nostra janela*» adquiriu uma bandeira nacional para a Cantina Escolar J. Mariz, bandeira essa já entregue ao seu presidente, Ex.^{mo} Sr. Professor José Pio Rodrigues

que, em amável officio, agradeceu a oferta.

♦ ♦ ♦

Vindo do Ultramar, da nossa província da Guiné, onde cumpriu valorosamente a sua missão, já se encontra entre nós, o nosso conterrâneo, Crispiano Morgado Caseiro.

Para ele vai o abraço muito sincero de todos aqueles que lutam e trabalham na trincheira da «*Janela de Fão*».

♦ ♦ ♦

Abraçamos, há dias, o nosso sincero e velho amigo, Sr. Sérgio Silva que, com sua Ex.^{ma} Esposa e gentis filhas se encontram entre nós a gozar as delícias da nossa praia e pinhal.

Ao amigo Sérgio, que pertence àquela pleiade dos «*fixos amigos*» desejamos uma óptima temporada entre nós com a promessa de alguns momentos em alegre convivio.

Limpeza das Ruas e cemitério

É-nos grato, sumamente grato, felicitar a Junta de Freguesia pela acção de limpeza pelo que se está a processar nas nossas ruas.

Também, no cemitério já se notam indicados de tal operação. Ora, como estamos a falar no cemitério, bom seria que se acabassem de cimentar as ruas que faltam de forma a tornarmos aquele recinto sagrado mais limpo e asseado.

Também a água deve merecer a melhor atenção da Junta e cremos que, tornando-se necessário, ninguém deixará de cooperar em tal sentido.

O seu a seu dono

Lêmos e ouvimos falar no alargamento dum caminho para os lados do campo de jogos «*Artur Sobral*», alargamento esse levado a efeito por a direcção que... se foi embora.

Acabamos, agora de ler, uma correspondência de «*O COMÉRCIO DO PORTO*» na qual o seu correspondente em Fão nos diz que tal alargamento se processou graças à acção da Junta de Freguesia, o que fácilmente acreditamos, dada a forma como está redigida a notícia e os tramites usuais, pelo que uma vez mais, dizemos: o seu a seu dono.

É funcionário... é funcionário...

Um certo número de afazeres profissionais que, até, os poucos momentos disponíveis nos tomaram, não nos deixaram concluir um original que temos entre mãos e que, no próximo número, querendo Deus, publicaremos em resposta a uma local de determinado «*lanceiro*».

Pelo mesmo motivo ficarão, para o próximo número, umas considerações sobre o «*encarnado Óscar*» que, pelo que se verifica, enfiou o barrete nas orelhas e nos ofereceu o flanco... manja os coices...

«Leite Puro de Vaca Higienizado»

Embalado em polietileno, de litro e meio litro

HYOGOURTS—QUEIJO—MANTEIGA

Recebido diariamente da UNIÃO DAS COOPERATIVAS DOS PRODUTORES DE LITE DE ENTRE DOURO E MINHO

Vende-se na

Casa do Café
BARCELOS

Rua D. António Barroso, 61-63
Telef. 8 2 3 9 0

NOITE NO PARQUE

A MARANTE

7 — Setembro — 1968

CONJUNTOS

Grupo 5

Grupo 6

D I V U L G A N D O

D. ANTÓNIO JOSÉ DE SOUSA BARROSO

No cinquentenário da sua Morte

Por DA SILVA PÊ



O forasteiro que, ao demandar Barcelos — a Terra linda na História e nos jardins — entrar na cidade, atravessando a ponte românica sobre o Cávado, logo depara na sua frente com umas ruínas que foram outrora sumptuoso Paço Ducal e hoje muito acertadamente transformadas em Museu Arqueológico Regional. Se voltar à sua esquerda, irá encontrar um soberbo conjunto histórico de muito interesse, do qual avulta a velha Colegiada, Monumento Nacional, riquíssima peça arquitectónica duma beleza excepcional. Mas, se antes preferir voltar para a direita, vencida a ponte, topará com um grandioso Monumento, iniciado por elegante e formosa escadaria, que a gratidão do povo nortenho ergueu à memória dum eminente Bispo da Igreja Católica: — D. ANTÓNIO BARROSO. No sopé do plinto, entre lavores de relevo, lavrados em bronze e alusivos à acção missionária, poderá ler este Verso de Camões (Lusíadas) que, noutra lugar, não teria tão fiel interpretação:

«DILATANDO A FÉ O IMPÉRIO»

Observado o Monumento na sua imponente beleza, o visitante, se é pouco versado em figuras grandes da Igreja, pode fazer-se estas perguntas: — quem foi este D. António Barroso e porquê, este Monumento?

Se por ali andar brincando algum garotito da Terra, e se for interrogado sobre o assunto, ele, por certo, saberá responder: D. António Barroso? Foi um grande Missionário, um grande Bispo, um grande português e um ilustre filho de Barcelos. E acrescentará ainda: e é santo. O garotito voltará à brincadeira, satisfeito por cumprir tão humilde e graciosa missão de cicerone. O visitante continuará a olhar o Monumento e certamente prometerá a si mesmo colher mais completos informes sobre a biografia dum Bispo que mereceu as honras dum Monumento na sua Terra natal.

D. António José de Sousa Barroso, Bispo do Porto, nasceu em Remelhe, concelho de Barcelos e faleceu há cinquenta anos. Perfeitamente no próximo dia 31 de Agosto. A cidade que ele tanto ilustrou, que lhe ergueu um Monumento e lhe comemorou condignamente o centenário do seu nascimento, não olvidará com certeza o meio século da sua Morte.

Não obstante ter iniciado a sua preparação sacerdotal na adiantada idade dos 16 anos, após uma juventude na lide com a lavoura, nem por isso deixaria de vir a ser uma das grandes figuras da Igreja. Uma vez mais o atorismo — não é pelo muito madrugar que amanece mais cedo — provaria a sua lógica. Ordenado sacerdote aos 26 anos, logo a sua boa estrela o encaminhava para a vida dura mas verdadeiramente apostólica das Missões. Para lá o chamava Deus e para lá se encaminhava o seu coração, devotado inteiramente à Causa do Cristianismo. As selvas africanas e as insóportáveis costas do Malabar repuxavam-no, em arranços e sacões fortes de Fé e patriotismo.

Era vasta, muito vasta a seara! Muitas as almas a redimir! Milhares de pessoas que precisavam da luz redentora do Céu!

E a decisão veio rápida e inalterável. Abraçando os velhos Pais, os irmãos, os Amigos, e relanceando um breve olhar pela terra saudosa, o padre Barroso aí vai, caminho do Congo português, na companhia do Bispo D. José Sebastião Neto, que viria a ser, mais tarde, Cardeal Patriarca de Lisboa.

Estava iniciada uma carreira brilhante mas árdua, mas perigosa, recheada de dificuldades, de surpresas as mais cruciantes, numa caminhada áspera e dolorosa pelos espinhos que se cravavam nos pés dos que se aventuravam, naqueles tempos, a missionar nos sertões da África. Para o jovem Missionário, porém, não havia obstáculos. O caminho era aquele mesmo; trilhá-lo, custasse o que custasse, era o seu Leu e o seu mais sagrado Ideal. Batalhou e lutou denodadamente, raras vezes se apercebendo sequer que o fazia para além do limite das suas próprias possibilidades físicas. Mas, possuído daquela alma grande, grande e generosa, generosa e santa, o padre Barroso nunca sentiu fraquejar-lhe o braço, antes duplicava a sua tarefa, de Missão em Missão, construindo aqui, reconstruindo ali, criando acolá, planejando, liderando, agigantando-se, a golpes de genio e de Fé. O seu entusiasmo não conhecia limites. A sua Obra não tinha barreiras. O seu querer era indomável. Onde as dificuldades surgiam, ele logo as neutralizava. E foi assim que, nos três continentes, ele levou de vencida toda uma Obra grandiosa de Missão, deixando, por

toda a parte, multidões de soldados que aliciou para as hordas de Cristo. Essa a sua finalidade. Se ensinava o gentio a amar a Deus, do mesmo modo o ensinava a amar a Pátria, aliando assim e fervorosamente ambos os cultos sagrados que o levaram às selvas. Militou, como poucos; como poucos, sofreu; mas, como poucos, conheceu a doçura da vitória. As Missões católicas do Ultramar tomaram, com a sua preciosa acção, um incremento de que ainda hoje gozam plenos benefícios.

Em 5 de Julho de 1891, foi sagrado Bispo de Himeria, na Sé de Lisboa. Mas as Missões continuavam a ser o seu rumo predilecto. E, de novo, a caminho delas, desta vez para a parte oriental de África, onde a seara se mostrava ainda mais vasta, embora mais árida. Encontrou a Diocese em franco estado de ruína. O grande António Enes escrevia, a tal propósito: — «Chegou ao cúmulo (a Diocese) de haver altares onde se celebrava com vulgares cálices de mesa, e o Cristo era alumiado por cotos de velas, espetados em garrafas de garrafas... Se faltavam alfaias e paramentos, mais faltavam sacerdotes e fiéis...»

Era esta a Diocese que se destinava ao novo Bispo! Era neste cenário «esperançoso» que D. António Barroso iria exercer o seu alto cargo hierárquico!

Mas, para o Missionário que os seus escaldantes de África calejaram, para o Missionário afeito às rudezas e às dificuldades da selva não seria tal facto que representaria um óbice na sua Obra. A breve trecho, a Diocese entrava em franca actividade e de novo o grande Bispo se lançou, de alma e coração, na recristianização do gentio. Novamente partia do zero, como tantas vezes sucedera já. Mas partia, seguro do êxito; e o êxito esperava-o lá longe, longe, aonde chegaria, por caminhos rectos e firmes.

Deixemos o santo no prosseguimento da sua Obra. Deixemo-lo a percorrer essas estradas infundáveis do Oriente, onde após si, deixou uma esteira luminosa que tantos Missionários haveriam de seguir, norteados por essa luz incandescente que D. António Barroso espalhou ao serviço de Deus e da Pátria. Deixemo-lo acabar os alicerces sobre os quais se assentaria o Edifício das Missões Portuguesas no Ultramar, ante o qual, ainda hoje e sempre, se ajoelha, a bendizer o santo Bispo que o edificara.

Esperemo-lo aqui na Metrópole. A confraria aguardava-o, na terra civilizada. Quantas vezes o bom do santo haveria de volver olhos sudosos e apetedidamente para essas selvas longínquas onde cristianizou e civilizou e deixou submissos os gentios!... Era aqui, no meio da civilização, onde os perigos, os trabalhos, as traições e as iniqui-

dades lhe destinavam o verdadeira calvário da sua vida. Mais que a braveza das selvas, mais que o desconforto dos sertões, mais que a desconfiança agressiva dos pretos, mais que tudo isso lhe estava reservado pelos homens que então governavam o país, esta Pátria que ele tanto amou e serviu devotadamente tanto engrandeceram aqui, sim, esperava-o o «sertão». Em 1899 foi eleito Bispo do Porto. Liderava Afonso Costa, o carrasco da Pátria e do santo. Havia de amargurar penosamente os últimos dias do grande Missionário, aqueles últimos em dias que tinha direito a uma vida sossegada e calma. O desterro, em 1911, foi o primeiro, passo. A citação em Tribunal, em 1913, o segundo. Novo desterro em 1917, mas nem assim — nunca! — abdicaria dum só dos princípios que motivavam a sua feroz perseguição: a fidelidade à Igreja, à sua Diocese e ao rebanho que lhe estava confiado. Sempre calmo, escudado na sua grande Fé — sempre Ele! — o insigne Apóstolo via redobrados os tormentos que lhe aproximavam o fim. Alquebrado e doente, exausto mas conformado, D. António Barroso ainda havia de cobrar forças para, de novo comparecer em Tribunal. Beijando o crucifixo inseparável, ao transpor as portas do salão judicial aonde o arrastava um iníquo processo, beijava o crucifixo e dizia humildemente: — «Vamos lá, Senhor! Convosco irei alegre para o cárcere ou para a morte». Nunca os adversários e inimigos compreenderam esta coragem, porque não possuíam a Fé do grande Bispo!

Depois dum último exílio, em Coimbra, dali regressou triunfante à sua Diocese e ao seu Paço do Porto. Recebeu-o a maior manifestação popular que ainda viram Bispos da cidade da Virgem! Tinha subido ao poder Sidónio Pais — outro mártir da Pátria — e dos seus primeiros actos públicos foi anular o decreto contra D. António Barroso e restituir-lhe a Diocese. Vencera, uma vez mais, a Igreja. Deus de novo ressuscitara no coração dos homens.

Mas D. António Barroso, o grande Bispo, o grande Missionário, pouco tempo tinha mais para viver. Falecia a 31 de Agosto de 1918. Com a sua morte desaparecia da Terra um dos mais iminentes Apóstolos de Igreja católica. Não o canomizou a Santa Sé. Mas canonizou-o o povo, este povo crente, este povo bom, este povo que Ele amou e a quem deu todos os seus bens terrenos e até — dizem — muitas vezes, a própria roupa que vestia. Foi a devoção popular que canonizou o santo Bispo do Porto, e é ela quem lhe pede Graças e lhas agradece fervorosamente, enfeitando diariamente o seu Monumento com velas votivas e flores frescas,

Remelhe celebrará o cinquentenário do Senhor D. António Barroso

Passa, no próximo dia 31 do corrente mês, o quinquagésimo aniversário da morte do grande e ilustre português, apostólico Missionário e martirizado Bispo, o Sr. D. António Barroso.

A paróquia de Remelhe que se honra de ter sido o berço de tão gloriosa personagem vai prestar nesse dia a sua homenagem de admiração e carinho àquele que considera o seu mais ilustre filho de todos os tempos. Na manhã desse dia, toda a população da paróquia concentrar-se-á, junto à Capela Jazigo, precioso relicário que contém os restos mortais do Sr. D. António Barroso, para participar, após alocução



patriótico — religiosa, em vários actos de piedade, que incluem a Solene Profissão de Fé das crianças.

As onze horas, celebrará a Santa Missa, para os váriosromeiros que nesse dia costumam visitar o Túmulo do Sr. D. António, um sacerdote, dos poucos que ainda vivem e que foram ordenados nesta Paróquia pelo Bispo Missionário, heróico e mártir, que para aqui foi exilado pela demagogia maçónica que tão grandes estragos causou à Igreja em Portugal.

De tarde, e com a presença do Sr. Bispo Auxiliar da Arquidiocese que vem fazer a visita Pastoral e inaugurar os vários melhoramentos de adaptação e aformoseamento que experimentou a nossa igreja paróquia, continuarão as comemorações cinquentenárias que incluirão o descerramento de uma lápida comemorativa, na Capela — Jazigo.

E assim a paróquia de Remelhe celebrará, a seu modo, e conforme as suas reduzidas possibilidades, o cinquentenário da morte desse ilustre barcelense e grande português que muito fez pelos pobres, pela Igreja e pela Pátria, é credor da estima, admiração e reconhecimento de toda a nação e especialmente do concelho de Barcelos que, em datas anteriores e semelhantes a estas, soube homenagear muito dignamente o Sr. D. António Barroso. Recordamos com saudade o congresso Missionário e o centenário, em 1954.

Faz cinquenta anos que faleceu, Barcelos, que tanto se honrou dele e tanto o tem honrado, não vai esquecer-lo, com certeza, nesta data.

— se, ainda que muito sucintamente, pergunte a algum dos garotitos que por ali andam a brincar. Ele responderá:

— D. António Barroso? Foi um grande Missionário, Um grande Bispo, Um grande patriota, Um grande Barcelense. E verá que vai acrescentar: E é santo.

Se o visitante que olhar o belo Monumento a D. António Barroso, não conhecer um bocadito sequer da vida e da Obra do Bispo do Porto, e quiser esclarecer-

SONHAR

Sobre este relvado Verdejante e denso, Rodeada de árvores, Sossegada, ouço As aves cantar E, absorta, penso:

Como a vida é dura! Não quero imaginar Que, a esta hora, A minha velhinha Não tem que comer. Vou antes sonhar...

E o desgraçado? Porquê nisto pensar? Olho à minha volta As obras de Deus E o azul do Céu. Prefiro sonhar...

Barcelos — Agosto — 68

Sempre me abstraio da [realidade] Que me quer matar. Será que o consegue? Talvez, não o nego. Sofro, se a observo, Pois vivo a sonhar!...

No mundo ideal, É tão bom ficar... Não temo, nem choro: Vejo só bondade, Paz e lealdade Se sofro a sonhar.

Muitas vezes fujo De no mundo estar, Nele é tão difícil Amor encontrar... Eu já o encontrei... Mas foi a sonhar!

C A R M O